

FORMAÇÃO POLÍTICA E PROJETO HISTÓRICO DE CLASSE. A TRAJETÓRIA HISTÓRICO-POLÍTICA DO 13 DE MAIO NEP – NÚCLEO DE EDUCAÇÃO POPULAR

FORMACIÓN POLÍTICA Y PROYECTO HISTÓRICO DE CLASE. LA TRAYECTORÍA HISTÓRICA Y POLÍTICA DEL 13 DE MAYO NEP – NÚCLEO DE EDUCACIÓN POPULAR

THE POLITICAL FORMATION AND HISTORICAL PROJECT OF CLASS. THE HISTORICAL AND POLITICAL PATH OF THE CENTER OF POPULAR EDUCATION (13 DE MAIO NEP)

Cyntia de Oliveira e Silva¹; Paulo Sergio Tumolo²

Resumo: Considerando a relevância da formação política na história do movimento da classe trabalhadora, em contraste com a escassa produção de estudos sistemáticos sobre a temática, este texto busca oferecer uma pequena contribuição, por meio do relato da experiência do 13 de Maio NEP (Núcleo de Educação Popular), provavelmente a maior e mais longeva escola de formação político-sindical do Brasil.

Palavras-chave: Formação política. 13 de Maio NEP. Educação Popular. Movimentos Sociais. Sindicalismo.

Resumen: Considerando la relevancia de la formación política en la historia del movimiento de la clase obrera, en contraste con la escasa producción de estudios sistemáticos sobre la temática, este texto busca ofrecer una pequeña contribución, por medio de un relato de la experiencia del 13 de Mayo NEP (Núcleo de Educación Popular), probablemente la escuela de formación político y sindical del Brasil más grande y de más larga duración.

Palabras-clave: Formación política. 13 de Mayo NEP. Educación Popular. Movimientos Sociales. Sindicalismo.

Abstract: Considering the contrast between the importance of political formation in the history of the working class movement, and the low production of systematic studies about the thematic, this article intend to offer a small contribution, through the report of the experience of the Center of Popular Education (13 de maio NEP), probably the most long-lasting school of politic and syndical formation in Brazil

Key-words: Political Formation. 13 de Maio NEP. Popular Education. Social Movements. Syndicalism.

A formação política tem ocupado, sem dúvida, um papel de relevância na história do movimento da classe trabalhadora. Entretanto, a produção de estudos sistemáticos que se debruçaram sobre essa temática tem sido escassa, contrastando com a importância a ela atribuída. Para tentar romper um pouco essa situação e oferecer uma pequena contribuição, apresentamos, neste texto, a experiência do 13 de Maio NEP (Núcleo de Educação Popular), provavelmente a maior e mais longeva escola de formação político-sindical do Brasil, baseados, principalmente, na pesquisa realizada por Silva (2008), que recebeu o título de *A trajetória histórico-política do 13 de Maio NEP – Núcleo de Educação Popular*.

O 13 de Maio NEP nasceu no dia 13 de maio de 1982 – daí seu nome, como desdobramento do Núcleo de São Paulo da FASE – Federação dos Órgãos para Assistência Social e Educacional, desenvolvendo atividades de assessoria aos movimentos sociais que nasciam e cresciam naquela época e

de formação político-sindical de seus militantes, inicialmente em São Paulo e posteriormente em vários pontos do Brasil. Desde o início, sua equipe teve uma composição heterogênea: pessoas oriundas dos movimentos sociais organizados pela Igreja católica – como as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) – com forte influência da Teologia da Libertação e da contribuição teórico-política de Paulo Freire³ – principalmente de seu aporte sobre a educação popular, e militantes do movimento operário, do teatro popular e de algumas organizações de matiz comunista. Apesar dessa diversidade, a equipe buscou costurar sua unidade no referencial teórico-político do materialismo histórico.

Inicialmente sua atuação se dava no chamado “trabalho direto”, desenvolvido por seus militantes em apoio a grupos de trabalhadores que, no contexto do regime militar, buscavam resgatar suas próprias formas de organização. Paralelamente, a entidade passou a apoiar associações de trabalhadores nos bairros, elaborando subsídios e recursos pedagógicos, tais como cartilhas e audiovisuais, que servissem de instrumento para qualificar a organização e a luta. Já o trabalho de formação política, propriamente dito, somente se constituiu num segundo momento e concentrou-se, no seu início, em São Paulo. Essa frente de trabalho era desenvolvida como um suporte ao trabalho direto principalmente junto às oposições sindicais, cujos temas de estudo eram derivados das necessidades e dificuldades identificadas pelos trabalhadores em suas lutas.

No que diz respeito às atividades de formação política, essa teve seu início junto ao trabalho direto com atividades na forma de “reuniões orientadas”. Por volta de 1984-85, as primeiras ações realizadas com o caráter educativo explícito foram três “cursões”, assim denominados: *Noções Básicas de Economia Política, História das Revoluções e História do Movimento Operário no Brasil*, realizados até hoje como atividades de aprofundamento.

Os cursos eram elaborados e aperfeiçoados tendo em vista as lacunas percebidas junto ao trabalho direto e a partir das necessidades apontadas pelo movimento operário. Dessa forma, vai surgindo a necessidade de elaborar melhor as atividades, transformando-as num programa de formação e num conjunto organizado de cursos.

Por volta dos anos de 1987, 1988, no auge da expansão dos movimentos populares, houve um aumento na demanda por cursos ministrados por educadores do 13 de Maio NEP em vários cantos do Brasil. Esse fato impôs a necessidade de desenvolver o trabalho de formação política de forma mais sistematizada. A partir de questões tais como explicar a mais-valia para os trabalhadores, nascia o curso *Questões de Sindicalismo*, que se tornou o carro-chefe do programa de formação, sendo posteriormente transformado no curso *Como Funciona a Sociedade*.

Nesse momento, também, começaram a ser criados outros cursos de caráter mais instrumental, tais como: *Organização por Local de Trabalho; Técnicas de Negociação Coletiva; Campanha Salarial; Plano de ação e administração sindical e Comunicação e Expressão*.

Já no início dos anos noventa, com a crescente demanda por atividades de formação por todo o Brasil, a Equipe do 13 de Maio NEP, fixada em São Paulo, não conseguia mais atender a todos os pedidos. Nascia, então, o programa de Formação de Formadores, mais conhecido como Programa de

Formação de Monitores do 13 de Maio NEP. Esse curso, que hoje tem a duração de dois anos, é o propulsor das atividades de formação política da Entidade e foi de sua criação que a idéia de desenvolver roteiros, cursos e programas se cristalizou.

Nesse sentido, este artigo apresentará, de forma sintética, a experiência de formação política desenvolvida por essa entidade, enfocando os seguintes aspectos: o 13 de Maio NEP no contexto político das lutas dos trabalhadores; sobre o método de ensino empregado no trabalho de formação política do 13 de Maio NEP; o trabalho de formação política do 13 de Maio NEP no contexto das práticas educativas dos trabalhadores; os limites e potencialidades do trabalho educativo.

O 13 de Maio NEP no contexto político das lutas dos trabalhadores

A ditadura militar instaurada no Brasil em 1964 desfechou um duro golpe no movimento dos trabalhadores, que teve suas principais lideranças presas, cassadas, exiladas ou assassinadas. Entretanto, no final dos anos setenta e início dos oitenta do século passado, os movimentos populares retornaram ao cenário, quando se aglutinava um espectro de forças políticas na luta por liberdades democráticas.

O novo movimento sindical que despontava também reunia setores distintos em torno do objetivo comum que era a luta contra a intervenção estatal nos sindicatos e o resgate da autonomia de organização dos trabalhadores. Nesse contexto, nascia a CUT, que agrupava as vertentes conhecidas como *novo sindicalismo*, que privilegiavam uma atuação institucional por via das estruturas sindicais⁴ e os *movimentos de oposição sindical*. Esses, por sua vez, priorizavam uma atuação pela base dos trabalhadores, por fora da estrutura oficial, nas Organizações por Local de Trabalho – OLTs.

Assim se constituía o contexto político de nascimento do 13 de Maio – NEP, pois seus educadores atuavam junto aos movimentos de oposição sindical, por via do trabalho direto. Como importantes fatores que influenciaram na sua trajetória e na construção de sua identidade, podemos citar os debates travados no âmbito da CUT, em seu início, em que os educadores do 13 de Maio tiveram uma atuação destacada; bem como as polêmicas sobre o método de educação popular no âmbito da Secretaria de Formação Política do PT.

Acerca da formação política empreendida nesse período, os estudos de Tumolo (2002) e de Iasi (2004, 2006) apontam que as estratégias políticas e as formações políticas tanto da CUT como do PT transitaram de um caráter anticapitalista, em seu início, para um caráter de “conformação à ordem”, passando a desenvolver programas de educação com o objetivo de promoção da cidadania, conformados aos limites da democracia burguesa.

Rumo diferente seguiu o trabalho de formação política desenvolvido pelo 13 e Maio NEP. Desde o início, de forma diferenciada, essa entidade manteve como cerne de seu programa formativo a promoção do estudo sobre a sociedade capitalista, buscando as raízes das mazelas vividas cotidianamente pela classe trabalhadora, com a finalidade de desvelar o funcionamento da estrutura social. Isso se deu, também, pela promoção de atividades de reflexão sobre alguns instrumentos que tinham, e ainda têm, o

propósito de desenvolver e aperfeiçoar as lutas implementadas por diversos movimentos populares na perspectiva de superação da sociedade capitalista.

Entretanto, embora gestadas a partir de uma mesma base material (idêntico contexto histórico-político-econômico-cultural), as diferenças existentes entre a CUT, o PT e o 13 de Maio NEP localizam-se na esfera das subjetividades e particularidades de opções políticas adotadas pelos homens e mulheres que participaram em suas trajetórias. Para o 13 de Maio NEP, a tarefa educativa é tida, pelo menos como intenção⁵, como um dos componentes dos aspectos subjetivos necessários à construção de uma nova ordem.

O contexto histórico-político de ditadura militar, que limitava os espaços de atuação dos que questionassem a estrutura do sistema, fomentou a constituição de uma aparente unidade em torno da luta pela democracia e pela autonomia do movimento sindical. Constituiu-se um campo que abarcava desde os que tinham como perspectiva a luta pela superação da sociedade capitalista, a setores sociais-democratas, ou até mesmo liberais, que começavam a ser prejudicados pelas políticas implementadas pelos governos militares. Com o fim da ditadura e o restabelecimento das liberdades democráticas, tais diferenças começaram a aflorar, e hoje podemos constatar realidades políticas bem distintas⁶.

Os recursos financeiros que sustentaram o trabalho realizado pelo 13 de Maio NEP, por quase uma década, originaram-se de entidades internacionais, sobretudo da Europa e do Canadá, ligadas ao trabalho da Igreja Católica, em especial à Teologia da Libertação. Naquela conjuntura de luta pela redemocratização de diversos países da América Latina, tais entidades buscavam apoiar as lutas dos povos do “Terceiro Mundo”.

Como dito anteriormente, o 13 de Maio NEP, na sua origem, atuava no chamado “trabalho direto”, desenvolvido por seus militantes em apoio a grupos de trabalhadores que, no contexto do regime militar, buscavam resgatar as suas próprias formas de organização. A atenção inicial estava direcionada às *Oposições Sindicais*⁷ que começavam a surgir, questionando a estrutura sindical oficial que não permitia uma representação e uma ação que estivessem de acordo com as necessidades dos trabalhadores.

Paralelamente, a entidade passava a apoiar associações de trabalhadores nos bairros, elaborando subsídios e recursos pedagógicos, tais como, cartilhas e audiovisuais, que servissem de instrumento para qualificar a organização e a luta. O trabalho de formação política, propriamente dito, somente se constituiu num segundo momento, como dito anteriormente, de forma a dar suporte ao trabalho direto junto às oposições sindicais, cujos temas de estudo eram derivados das necessidades e dificuldades identificadas pelos trabalhadores em suas lutas.

Foi em 1983, a partir da criação da CUT, que a entidade passou a priorizar a construção da Central, atuando de forma significativa em sua Secretaria de Formação, tanto em nível nacional como regional (SP).

Assim, de forma sucinta pode-se dizer que, em sua primeira etapa, o trabalho do 13 de Maio NEP era desenvolvido em três frentes:

- **O trabalho direto**, que dizia respeito ao acompanhamento das oposições sindicais nas fábricas e o apoio às organizações de trabalhadores que começavam a surgir nos bairros. Como trabalho direto, entendia-se o acompanhamento e a assessoria a oposições sindicais, movimentos populares ou entidades recém-tiradas “das mãos dos pelegos”. Isso consistia em levar a experiência que tinham com a organização de atividades de base, na redação de boletins e outros veículos de comunicação, na preparação de assembléias e outras atividades necessárias àqueles movimentos que começavam a se construir de forma autônoma.
- **O trabalho de produção de recursos pedagógicos**, tais como, cartilhas, manuais, áudios-visuais etc., como suporte ao trabalho direto.
- **O trabalho de formação política**, responsável pela montagem dos cursos para capacitação de militantes e dirigentes, junto ao trabalho direto.

A pesquisa de Silva (2008) evidenciou que o trabalho de educação política foi sendo construído e consolidado ao longo da trajetória da Entidade. No começo, eram “reuniões orientadas”, cujos temas derivavam das necessidades dos trabalhadores percebidas durante a sua atuação prática concreta. Somente cerca de dois ou três anos depois (1984/85), surgiram as primeiras atividades com caráter explícito de formação política. Assim, o primeiro curso formal resultou de uma apostila e de um áudio-visual sobre a História do Movimento Operário no Brasil.

É interessante verificar que tanto os temas dos cursos seguintes, como a constituição de um programa de formação, assim como a conformação de uma metodologia de ensino, foram sendo gestados ao longo da caminhada e a partir das dificuldades identificadas e derivadas das distintas contribuições, formações e experiências de seus educadores, que tinham como base uma concepção marxista. Foi assim que, desse “caldo”, nasceu o “jeito” de o 13 de Maio NEP fazer formação política.

Pelos dados analisados no estudo, verificou-se que houve um crescimento significativo da demanda por atividades de educação política, sobretudo ao longo da década de oitenta, nos anos de 1983 a 1988, coincidindo com o período de desenvolvimento da CUT e do PT e de outras organizações dos trabalhadores no período pós-ditadura militar e de “redemocratização”. Para dar conta dessa crescente demanda, em 1988 foi criada a primeira turma experimental do *Programa de Formação de Monitores* [formadores] do 13 de Maio NEP, com o objetivo de formar multiplicadores que pudessem levar os cursos da entidade a diversos pontos do Brasil.

Já nos anos noventa teve início a discussão sobre as mudanças de rumo no trabalho desenvolvido pelo 13 de Maio NEP. Esse período também trouxe alterações nas políticas adotadas pelas entidades financiadoras internacionais, derivadas dos acontecimentos políticos no cenário mundial: era o fim da URSS, o Muro de Berlim caía, os governos de diversos países europeus passavam de um matiz social-democrata a um caráter neoliberal explícito, e, sobretudo, iniciava-se o declínio da Teologia da Libertação. Nesse aspecto, verificou-se que tais entidades internacionais passaram a priorizar o apoio às

Organizações Não-Governamentais – ONGs, que começavam a ganhar força e a desenvolver políticas, sobretudo, de inclusão social, sem buscar esclarecer as causas das desigualdades de classe.

Entretanto, o 13 de Maio NEP rejeitou esse caminho e rompeu, gradativamente, a relação de financiamento com as referidas organizações internacionais, por discordar da nova política imposta.

Uma vez que se previa um decréscimo do apoio financeiro, a Entidade decidiu encerrar algumas das frentes de trabalho. O primeiro trabalho cortado foi o de produção de recursos pedagógicos, uma vez que a Equipe avaliou que já vinha sendo feito por outras entidades, sobretudo o CPV⁸ e o CEPIS⁹, com as quais mantinha parceria.

A segunda frente finalizada foi o trabalho direto junto às oposições sindicais. Essa decisão, considerada a mais polêmica na Entidade, ocasionou uma cisão à época. A maioria dos membros da Equipe optou por priorizar o trabalho de formação política, que se mantém até hoje. Os militantes que defenderam a manutenção do foco no trabalho direto seguiram outros caminhos. Inicialmente, atuaram em parceria com o 13 de Maio NEP, mas, posteriormente, perderam essa conexão. Essa mudança de linha de trabalho se deu a partir de 1991.

Com essa decisão, o trabalho de formação política ganhou força, e, em 1994, consolidou-se o programa de formação política do 13 de Maio NEP, desenvolvido até hoje com poucas modificações.

Como o corte dos financiamentos internacionais se deu de forma gradual, a Equipe teve tempo de se preparar para a mudança. Para tanto, decidiu enxugar sua estrutura física e material, apostando na transição para uma nova forma de desenvolver o trabalho de formação política. O novo foco passou a ser o desenvolvimento de um *Programa de Formação de Monitores*, a constituição de um Fórum Nacional que aglutinasse os educadores formados (o FNM) e a construção de um modelo de auto-financiamento.

Em 1992, nasceu o Fórum Nacional de Monitores e o 13 de Maio NEP passou a ser um dentre os vários grupos e coletivos de formação política que o compunham. O “enxugamento” da Equipe foi planejado para se concluir em três anos, mas acabou durando mais tempo.

Com a venda da sede da Entidade em São Paulo, o material que ali existia foi encaminhado em parte para a sede da Pastoral Operária em São Paulo, e posteriormente para a sede do CPV. Muitos documentos importantes foram espalhados pelas casas de alguns militantes, havendo, inclusive, a perda de vários deles.

Em 2008 a Equipe do 13 de Maio NEP contava apenas com uma pessoa remunerada e liberada para o trabalho de formação, que passou a ter como prioridade a organização das turmas do *Programa de Formação de Monitores* e de três cursos de aprofundamento.

O estudo de Silva (2008, p. 194) identificou que a trajetória do 13 de Maio NEP pode ser agrupada nas seguintes etapas, a saber:

- **1ª etapa: de 1982 a 1988 - Da criação da Entidade até o lançamento da primeira turma do *Programa de Formação de Monitores*** - Nesse período, o trabalho de educação política desenvolvido estava subordinado ao trabalho direto junto aos movimentos e organizações dos trabalhadores, principalmente às oposições sindicais, época em que predominavam os cursos para militantes.

- **Período de transição: de 1988 a 1992 - Da primeira turma do *Programa de Formação de Monitores* até a criação do *Fórum Nacional de Monitores*.** Caracterizou-se pela realização de esforços para garantir o auto-financiamento.
- **2ª etapa: a partir de 1992 – criação do *Fórum Nacional de Monitores*.** Desde então, a prioridade passou a ser a oferta de cursos para formação de formadores; incentivou-se a criação de núcleos e coletivos de educação popular em várias partes do País; consolidou-se um programa de formação política mínimo e uma concepção metodológica. A partir dessa etapa, o trabalho de formação política deixou de estar subordinado ao *trabalho direto* de apoio a organizações de trabalhadores e a estrutura física e material (sede, educadores liberados) passou a ser gradualmente “enxugada”. Contudo, verificou-se que, apesar das decisões de reduzir a Equipe, ampliar o leque de monitores e consolidar o Fórum Nacional de Monitores, a marca “13 de Maio” ainda permanece forte. Exemplo disso é que o FNM tornou-se o *Fórum Nacional de Monitores do 13 de Maio*.

Buscando entender um pouco dos diferentes rumos políticos e ideológicos que seguiram essas entidades que nasceram num mesmo contexto, o PT a CUT e o 13 de Maio NEP, Silva (2008) foi buscar no trabalho de Johnson (2006) algumas pistas para o entendimento de uma das questões presentes nesse debate: a concepção de democracia como valor universal. Grosso modo, essa compreensão parte do fato de que, se não estamos mais numa ditadura, estamos vivendo numa democracia, uma vez que temos eleições gerais e outras “liberdades democráticas”. Logo, não haveria mais sentido em falar em lutas por transformações na sociedade, nem em se promover ações de educação política com objetivo de contribuir para a formação da classe, já que não existe mais luta de classes. De forma bem simplista, essa é a concepção que tem prevalecido em tempos de pós-modernidade e que Johnson traz à baila ao analisar o processo de democratização dos países da América Latina. Alguns dos elementos por ele apontados auxiliam a compreensão sobre os diferentes caminhos traçados pelos militantes e organizações que se unificaram no período da ditadura no Brasil em torno da defesa das liberdades democráticas.

Mesmo sem aprofundar a discussão sobre as concepções de educação popular e formação política desenvolvidas por entidades como a CUT e o PT, Silva (2008) conclui que o pressuposto da democracia como valor universal está na base das concepções que retiraram¹⁰ da tarefa educativa o papel de instrumento para desvelamento do caráter de exploração da sociedade capitalista, e a possibilidade de contribuir para a constituição de uma consciência de classe *para si*, transferindo-se para o horizonte de uma inclusão cidadã¹¹ nos estreitos limites da democracia burguesa.

Os elementos apontados por Johnson (2006) também podem dar pistas para a compreensão da mudança na política das entidades européias, que resultou no fim dos financiamentos de projetos de formação política promovidos pelo 13 de Maio NEP.

O contexto, como já mencionado, foi de mudanças nos governos europeus que passaram a questionar os movimentos de caráter anticapitalista e socialista, após o fim da URSS e a “Queda do Muro de Berlim”. Esse era o momento em que as ONGs se fortaleciam no Brasil e na América Latina.

A esse respeito, o artigo de Petras (2000), *As duas caras das ONGs*, é esclarecedor. O termo Organização Não-Governamental foi cunhado para diferenciar um ramo de atividade que não poderia ser definido como estatal, nem como privado. Sua origem data de 1946, já em Ata de Constituição da ONU. Segundo aquele autor, a proliferação das ONGs ocorreu a partir da segunda metade da década de sessenta

na América Latina e seu crescimento se deu na ocupação de um espaço deixado pelo Estado. Entretanto, o financiamento dessas entidades não vinha da “sociedade civil”, mas do próprio Estado. Boa parte das que atuavam nessa época (anos sessenta) na América Latina eram, e ainda são, sustentadas por países europeus e pelo Banco Mundial. Seu crescimento se deu junto com o neoliberalismo, alavancadas pelo próprio sistema, cujos efeitos afirmavam combater. Ao mesmo tempo de sua atuação assistencialista, as ONGs agiam, sobretudo, na cooptação de lideranças populares para mascarar a divisão de classes e retirar da política a possibilidade da luta por mudanças, minimizando os efeitos do neoliberalismo, e assim evitar convulsões sociais.

O trabalho de Petras (2000) evidenciou de que forma as ONGs vêm fomentando um novo tipo de colonialismo cultural, econômico e de dependência. Os projetos de apoio têm sido elaborados, ou pelo menos aprovados, segundo as diretrizes das prioridades dos centros imperialistas ou de suas instituições. Eles são administrados e vendidos às comunidades, e as avaliações são realizadas pelas e para as instituições tidas como imperialistas. Mudanças nas prioridades dos financiamentos ou más avaliações têm resultado no sucateamento de grupos, comunidades, fazendas e cooperativas. Tudo e todos são cada vez mais disciplinados para cumprir as exigências dos doadores e de seus avaliadores de projetos. Os novos “vice-reis” supervisionam e garantem a conformidade com as metas, valores e ideologias do doador, bem como o uso adequado das verbas. Onde os sucessos ocorrem, eles dependem muito da continuidade do apoio externo, caso contrário, entrariam em colapso. (PETRAS, 2000 apud SILVA, 2008).

Entre os projetos desenvolvidos pelas ONGs, como citado por Petras (2000), tem-se destacado os de autogestão, educação popular, treinamento profissional, dentre outros. Entretanto, no lugar de uma educação política que tenha como objetivo desmascarar a natureza de classe da sociedade capitalista e das políticas imperialistas, a grande maioria das experiências apoiadas por ONGs tem-se limitado à discussão sobre a exclusão social e a extrema pobreza, sem ir além de seus sintomas superficiais, nem tampouco analisar o sistema social que produz tal situação.

Entretanto, o que parece ter sido o diferencial da Equipe do 13 de Maio NEP, ao contrário do que vinha ocorrendo com outras organizações, foi o fato de ela não ter se submetido à nova política adotada pelas entidades financiadoras, preservando, assim, a sua autonomia e mantendo o trabalho crítico de Formação Política na perspectiva anticapitalista, que já vinha realizando há quase uma década.

Analisando outros aspectos do contexto histórico-político no qual a trajetória do NEP 13 de Maio está inserida, Silva (2008) destacou que, embora o trabalho de formação política desenvolvido por essa Entidade não tenha transitado para um caráter de conformação à ordem, ou de inclusão à cidadania, as mudanças verificadas no mundo do trabalho, sintetizadas por Tumolo (2002, p. 88) também têm sido percebidas por seus educadores. Como exemplo disso são citados:

- o perfil dos participantes que têm procurado tanto o *Programa de Formação de Monitores* como os demais cursos, a partir da década de noventa, tem sido mais ativista e pragmático, com mais escolaridade, entretanto, menos militância e vivência;
- com o refluxo do movimento sindical de caráter operário, cresceu a quantidade de participantes oriundos de movimentos sindicais ligados aos serviços públicos;

- o perfil de pouca militância e experiência dos participantes trouxe de volta a necessidade de resgatar o curso denominado *Questões de Sindicalismo*, adaptado para a atual conjuntura.

Sobre a metodologia de ensino no trabalho de formação política do 13 de Maio NEP

No que diz respeito às peculiaridades do trabalho de formação política empreendido, a pesquisa destacou que o referencial teórico-metodológico adotado pelos monitores do 13 de Maio NEP, que tem definido sua prática de educação política, é o marxismo. Por sua vez, o conteúdo dos cursos tem como linha mestra o desvelamento da estrutura de funcionamento da sociedade e a história das lutas dos trabalhadores.

Uma vez que o trabalho de formação política foi sendo construído de forma subordinada ao *trabalho direto*, a pesquisa destacou que a metodologia de ensino foi sendo criada à medida que os educadores iam sentindo essa necessidade. Ou melhor, a partir do desenvolvimento dos cursos, começou-se a se pensar e a desenvolver estratégias para abordar os temas com os participantes. A partir daí, nasceram as “dinâmicas de grupo” peculiares do 13 de Maio NEP originadas da preocupação dos educadores em envolver os participantes para explicar o conteúdo de uma forma “mais fácil”, que auxiliasse a sua compreensão.

As decisões na Equipe aconteciam após amplas discussões. Da mesma forma, isso se deu com a questão metodológica. Uma definição mais sistemática somente aconteceu a partir da criação do *Programa de Formação de Monitores*. Como se tratava de formar multiplicadores, além de expor o conteúdo dos cursos, também se fazia necessário abordar a questão da metodologia de ensino a ser utilizada.

As peculiaridades, ou melhor, o “jeito de ser” do 13 de Maio NEP, como já dito anteriormente, foi sendo construído de forma coletiva, trazendo a experiência dos diversos componentes da Equipe. Embora não houvesse um trabalho direcionando para a conformação de uma metodologia, verificou-se que havia uma unidade em torno de uma compreensão política de sociedade.

Os novos componentes da Equipe eram convidados a participar do trabalho, sobretudo a partir do convite dos que dele já faziam parte. Isso se dava pela afinidade identificada na militância junto aos movimentos de trabalhadores, fossem sindicatos, movimentos populares, comunidades eclesiais de base ou partidos e organizações políticas.

No desenvolvimento da tarefa educativa, a unidade era construída por meio de vários debates em torno dos roteiros criados por diversos educadores para cada curso e das dinâmicas de grupos desenvolvidas especificamente para tais atividades. Entretanto, verificou-se que havia, e ainda há, a liberdade de atuação de cada educador para adaptar os cursos às suas características pessoais. Nesse caso, o roteiro sugerido serve como ponto de partida.

O principal “fio condutor” da identidade do 13 de Maio, segundo Silva (2008), é o *Programa de Formação de Monitores*. Esse tem sido, ao longo dos últimos anos, o espaço em que são discutidos, junto aos novos educadores, os roteiros dos cursos, as dinâmicas e os elementos conceituais que estão na base dos conteúdos. Esse programa constituiu-se no elo que passou a unificar o trabalho de formação política da

Entidade. A partir do “enxugamento” da Equipe e a criação do *Fórum Nacional de Monitores*, esse passou a ser o foco central do trabalho, uma vez que os demais cursos já vinham sendo ministrados em diversas partes do Brasil por educadores já formados, que começaram a trilhar seus próprios caminhos.

Silva (2008) verificou que o Programa de Formação de Monitores, com duração de dois anos, tem visado a capacitar novos educadores para executar programas de formação básica¹² e tem tido como público-alvo principal pessoas inseridas em atividades de formação ou que estejam dispostas a priorizar este campo de ação. As concepções presentes nesse programa, conforme demonstrado na pesquisa, têm sido diretamente influenciadas pelos educadores responsáveis pela formação dos multiplicadores.

Já em relação à metodologia de ensino, o trabalho de Silva (2008) identificou três aspectos: a questão da concepção de educação popular, o exercício de dinâmicas de grupo e o emprego de alguns procedimentos de ensino, que nos círculos internos se denominou de “maiêutica”.

No que diz respeito à concepção de educação popular, ela se consolidou em 1992, a partir de um debate iniciado com a criação da primeira turma de monitores, em 1988, e tomou corpo durante uma discussão promovida pela Secretaria de Formação do PT, com a publicação do texto *Uma contribuição à questão metodológica*. A partir de então, o 13 de Maio NEP firmou a concepção de que a formação política está situada no conjunto das estratégias de transformação da realidade. Seus educadores posicionam-se para além da dicotomia entre uma concepção basista ou conteudista. Identificam em seu trabalho educativo elementos herdados da tradição dos Partidos Comunistas de fazer formação política, no que diz respeito ao desenvolvimento do conteúdo, bem como aspectos da tradição cristã, desenvolvidos pelas Comunidades Eclesiais de Base. Esses dizem respeito, sobretudo, à forma, quando buscam desenvolver atividades mais participativas. A partir da crítica da denominada *Concepção Metodológica Dialética*, predominante nos movimentos de educação popular e exposta de forma detalhada no capítulo terceiro da dissertação, base deste artigo, formou-se a concepção do 13 de Maio NEP, sintetizada no seguinte trecho:

Para nós a realidade concreta é a nossa matéria-prima, é o ponto de partida de todo o conhecimento e, é também, o ponto de partida efetivo da atividade de formação; é o nosso instrumento de superação das aparências e de compreensão da realidade. A atividade de formação é o momento de encontro entre a vida e a teoria, onde o esforço pedagógico se expressa na tentativa de traduzir a teoria em vida, *vivenciá-la*. Poderíamos afirmar que o eixo central da proposta consiste em *vivenciar o conceito*, ou seja, traduzir a teoria através de mediações que a tornem apreensível e com significado para o grupo que a procura. (NEP 13 DE MAIO, 1992, p. 56, grifos do autor).

Em relação ao segundo aspecto do método de ensino, o emprego de dinâmicas de grupo tem o objetivo de facilitar a apreensão do conteúdo dos cursos e promover uma aproximação com a realidade dos participantes. Trata-se de situações simuladas, próximas a situações psicodramáticas, em que se torna possível que o conceito seja primeiro vivenciado para depois ser definido. Tais dinâmicas criadas pelos educadores são compartilhadas nos cursos de formação de educadores, debatidas e modificadas nos encontros ou boletins do Fórum Nacional de Monitores. Quanto ao seu emprego nos cursos, é importante mencionar que alguns educadores têm questionado em que medida a sua utilização, em alguns casos, pode ou não distorcer a apreensão do conteúdo. Essa prática ainda permanece em debate no Fórum Nacional de Monitores.

Já o terceiro e último aspecto da metodologia caracteriza-se pela utilização de procedimentos, que se convencionou chamar de “maiêutica”, juntamente com as dinâmicas de grupo, que integram os roteiros dos cursos e seminários da Entidade. Tal prática parte do entendimento de que o vínculo educativo é algo que o educador deve buscar desde o início da atividade, por meio do diálogo e do envolvimento do grupo. O objetivo desse recurso é a tentativa de recriação da base da relação que pode gerar a apreensão de novos conceitos. A “maiêutica”, inspirada no método socrático, busca fazer emergir o senso comum, por meio de perguntas e do diálogo provocativo com os participantes dos cursos, com o objetivo de criticar o senso comum, evidenciando seus limites explicativos, e superá-lo, em direção a uma compreensão teórica da realidade social.

Ainda no que diz respeito à metodologia de ensino na atividade de formação política, é importante destacar que o corpo de educadores tem uma preocupação constante sobre qual linguagem empregar durante os cursos. Apesar de que as dinâmicas de grupo e a “maiêutica” tenham como objetivo facilitar a apreensão do conteúdo pelos participantes, o 13 de Maio NEP defende a utilização de textos clássicos, ao invés de outros simplificados, que teriam objetivos didáticos. Isso, de acordo com os depoimentos, tem se dado de forma diferenciada da maioria das experiências do campo da educação popular.

O trabalho de formação política do 13 de Maio NEP no contexto das práticas educativas dos trabalhadores

O estudo da trajetória dessa entidade deve ser compreendido no bojo das práticas educativas realizadas pelos próprios trabalhadores ao longo de sua história de lutas, partindo-se das experiências de educação libertária do anarco-sindicalismo, no alvorecer do século passado, passando pelo trabalho de formação política implementado pelos PCs, chegando à experiência que se denomina como Educação Popular, constituída a partir do final dos anos setenta e início dos oitenta, sob forte influência da Teologia da Libertação. É possível afirmar que essa trajetória carrega em si todo esse passado de lutas e já se faz presente em germe anunciando as experiências futuras.

Entretanto, a pesquisa evidenciou, por meio dos depoimentos concedidos e os documentos analisados que, embora carregue a denominação de Núcleo de Educação Popular, a atividade desenvolvida pelo 13 de Maio NEP está mais próxima das características do que se denomina como Formação Política, mesmo que de forma diferenciada da atividade educativa empreendida pela tradição da esquerda.

A formação política ou formação sindical faz parte da história dos trabalhadores e está na teia da constituição de suas lutas e das condições para tomada de consciência do que significa ser trabalhador (como sujeito coletivo), ou melhor, como “classe para si”, lembra Manfredi (1985). Assim, “as práticas de formação política não são neutras”. Ao conhecer a trajetória histórico-política do 13 de Maio NEP, verifica-se que sua identidade e concepção foram construídas a partir da opção política dos educadores que fizeram e ainda fazem parte de sua Equipe.

No que diz respeito às matrizes discursivas da formação política no período denominado de “novo sindicalismo”, identificadas por Manfredi (1996)¹³, o trabalho desenvolvido pelo NEP 13 de Maio localiza-se com mais evidências no campo de matriz marxista. Muito embora, como apontado em alguns depoimentos, nas discussões que levaram à construção de sua concepção metodológica, tenha havido influência de autores e elementos identificados com as matrizes da educação popular e paulofreiriana. Isso se deu, sobretudo, por ter seu trabalho iniciado com egressos da FASE, sob influência da teologia da libertação. Além disso, podemos destacar que o próprio Paulo Freire, ou pelo menos o que se pensava conhecer de seu método, exerceu grande influência no campo da esquerda, nos anos sessenta com as experiências de alfabetização popular. Para Silva (2008), de forma acertada, Manfredi (1985) pontua que, em torno do método empregado por esse educador, formou-se uma certa “aura mística” no imaginário dos militantes de esquerda, num contexto de autoritarismo e de ausência de referenciais pedagógicos no campo marxista. Sem adentrar na discussão dessa questão, é possível verificar nos estudos de Manfredi, que os limites e possibilidades do método Paulo Freire somente foram conhecidos, divulgados e debatidos após o final da ditadura.

Outro aspecto destacado na pesquisa de Silva (2008) diz respeito à compreensão da formação política como um dos componentes do campo da subjetividade, que atuam dialeticamente e de forma complementar com os aspectos da objetividade. Coerentes com essa compreensão, a concepção de formação política do 13 Maio NEP e o papel que por ela pode ser desempenhado, encontra-se expressa no texto de Iasi (2004, p. 4, mimeo), a seguir destacado:

Segundo o que pensamos, a formação encontra sua especificidade na tarefa essencial de socializar os elementos teóricos fundamentais para que os elementos da classe trabalhadora possam constituí-la enquanto sujeito histórico, ou seja, capaz de apresentar uma alternativa societária com independência e autonomia histórica. Para tanto, os elementos que compõem a classe precisam compreender a natureza particular da sociedade capitalista, suas determinações e sua formação histórica, assim como a luta de sua classe, o movimento na história da própria constituição da classe trabalhadora enquanto classe, suas estratégias, suas epopéias e derrotas, para retirar de cada grão da história seus ensinamentos. Mas também, e fundamentalmente, apropriar-se de um método, que tornou possível estes saberes, que desvendou a economia política, que através da crítica da economia política logrou compreender o ser do capital em sua essência, que buscando captar o movimento das formas chegou a compreender os processos pelos quais as formas se superam, que compreendendo a natureza singular da transformação que a sociedade especificamente capitalista em seu auge prepara, pode encontrar na classe trabalhadora o sujeito histórico desta transformação e nesta forma particular a possibilidade de uma emancipação humano-genérica. Em uma palavra, a formação implica, ao nosso ver, a apropriação do legado marxiano pela classe trabalhadora.

De forma sintética, esses são os principais elementos que caracterizam, de maneira peculiar, o trabalho educativo desenvolvido pelo 13 de Maio NEP, cuja trajetória guarda estreita relação com o contexto histórico-político de luta dos trabalhadores e trabalhadoras brasileiros.

Limites e potencialidades do trabalho educativo

Silva (2008) destaca que a análise de vários elementos identificados na trajetória do 13 de Maio NEP nos remete à afirmação de Tumolo (2005) sobre a imprescindibilidade, entre outras tarefas, da discussão e elaboração da estratégia revolucionária na contemporaneidade e a análise do papel da educação nessa estratégia.

A busca de respostas para as questões de como a educação pode contribuir com o processo de transformação revolucionária do capitalismo; qual a contribuição que as formas escolar e não-escolar de educação podem oferecer nesse processo e quais os limites dessa contribuição é uma tarefa que transcende o espaço acadêmico do campo trabalho e educação, pois se insere no âmbito da luta de classes e abarca todas as áreas do conhecimento. A escolha por tentar empreender o resgate da trajetória de uma, dentre várias, experiências de educação política, situada no âmbito das organizações dos trabalhadores, buscou dar alguns passos nesse sentido.

O relato da história do trabalho desenvolvido pelos educadores do 13 de Maio NEP tem como objetivo a divulgação das lutas e experiências de homens e mulheres que acreditam na possibilidade histórica de superação da sociedade das mercadorias em sua forma desenvolvida, o capitalismo, em busca da emancipação humana, assumindo todas as dúvidas envolvidas nessa longa caminhada e reconhecendo as possibilidades e os limites da tarefa educativa.

O potencial transformador da educação contido em experiências como a do 13 de Maio NEP são um exemplo da necessidade de reconhecer que “os processos educacionais e os processos sociais mais abrangentes de reprodução estão intimamente ligados”, como bem disse Mézaros (2005) em *A Educação para Além do Capital*.

Referências

- ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao trabalho? ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. São Paulo: Cortez, 1995a.
- _____. *O novo sindicalismo no Brasil*. Campinas: Pontes, 1995b.
- 13 DE MAIO NEP. Contribuição à discussão metodológica. In: IASI, Mauro Luís. *Processo de consciência*. 2. ed. São Paulo: CPV, 1992. p. 45-59.
- IASI, Mauro Luís. Educação popular: formação da consciência e luta política. In: SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO POPULAR E LUTAS SOCIAIS DO SFCH DA UFRJ, 2004, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro, 2004. p. 1-8.
- _____. *As metamorfoses da consciência de classe – o PT entre a negação e o consentimento*. São Paulo: Expressão Popular, 2006.
- JOHNSON, Guillermo Alfredo. *A quimera democrática sob o processo de recolonização político-econômico da América Latina: o Brasil sob o império*. 2006. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- MANFREDI, Silvia Maria. *Educação sindical: entre o conformismo e a crítica*. São Paulo: Loyola, 1985. (Coleção Educação Popular, n. 6).
- _____. *Formação sindical no Brasil: história de uma prática cultural*. São Paulo: Escrituras, 1996.

MÉZAROS, István. *A educação para além do capital*. São Paulo: Boitempo, 2005.

PETRAS, James. As duas caras das ONGs. *La Jornada*, México, 8 ago. 2000. Disponível em: <<http://www.jornada.unam.mx/2000/08/08/008a1gen.html>>. Acesso em: 31 jun. 2008.

_____. *O resgate da trajetória histórico-política do 13 de Maio NEP – Núcleo de Educação Popular*. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade federal de Santa Catarina, Florianópolis.

TUMOLO, Paulo Sergio. *Da contestação à conformação: a formação sindical da CUT e a reestruturação capitalista*. Campinas: EDUNICAMP, 2002.

_____. A produção em “trabalho e educação”. Esboço para a discussão de suas marcas e de suas perspectivas. *Revista Trabalho & Educação*, Belo Horizonte, v. 14, n. 1, p. 11-22, 2005.

NOTAS

¹ Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), na linha de pesquisa Trabalho e Educação. Educadora formada pelo *13 de Maio NEP*. Professora de Língua Portuguesa. E-mail: cyntiasilva@yahoo.com

² Doutor em Educação e professor do Centro de Ciências da Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) – linha de pesquisa Trabalho e Educação. Membro do coletivo 13 de Maio-NEP (Núcleo de Educação Popular). E-mail: tumolo@ced.ufsc.br

³ Embora tenha exercido uma grande influência no período inicial, o aporte teórico-político de Paulo Freire começa a ser questionado a partir do final dos anos 1980, como veremos adiante.

⁴ Conforme análise de Antunes (1995b).

⁵ A pesquisa de Silva (2008) não abrangeu os resultados do trabalho de formação política empreendido pelos educadores do 13 de Maio NEP; tarefa, sem dúvida, importante.

⁶ Não é nosso objetivo o aprofundamento dessa questão, mas mesmo um olhar superficial sobre as políticas implementadas, hoje, tanto pelo PT como pela CUT, organizações tidas até bem pouco tempo como de esquerda, conseguem identificar tais diferenças.

⁷ Essa atuação se deu sobretudo junto ao *Movimento de Oposição Sindical dos Metalúrgicos de São Paulo - MOMSP*.

⁸ Centro de Documentação e Pesquisa Vergueiro.

⁹ Centro de Educação Popular do Instituto Sedes *Sapientiae*.

¹⁰ Ou nele nunca estiveram.

¹¹ “Inclusão”, a nosso ver, impossível numa sociedade com abismais diferenças sociais, cada vez mais inconciliáveis.

¹² O curso de Formação de Monitores se estrutura tendo por base a capacitação para conduzir três cursos do programa: *Como Funciona a Sociedade I e II, O que é uma Análise de Conjuntura, Comunicação e Expressão, e Mulheres: uma Questão de Gênero*.

¹³ A matriz marxista, a matriz da educação popular e a matriz pedagógica paulofreireana.